

Em depoimento, escritor fala sobre a participação no projeto *Com todas as letras*, da dupla gaúcha Kleiton e Kledir, que convidou 10 ficcionistas para fazer letras de música

» LOURENÇO CAZARRÉ
ESPECIAL PARA O CORREIO

Três anos depois do belíssimo e premiado *Par ou impar*, destinado ao público infantil, a dupla Kleiton e Kledir apresenta mais um trabalho inovador. As letras das dez canções de *Com todas as letras* foram criadas por escritores e o trabalho foi lançado simultaneamente em livro, disco de vinil, CD e DVD.

A edição comercial traz, além do CD, um DVD que registra os bastidores da construção da obra. Uma edição especial, fora do comércio, contém um disco de vinil encartado em um livro luxuoso: as letras das músicas foram transcritas por renomados calígrafos de vários países.

O mais recente trabalho dos irmãos Ramil começou a nascer no princípio da década de 1970, quando os dois músicos chegaram a Porto Alegre como integrantes de uma banda (Almôndegas) originária de Pelotas. Naquela ocasião, conheceram um jovem escritor chamado Caio Fernando Abreu, que havia lançado aos 22 anos seu primeiro romance, *Limite branco*.

Conversaram durante 20 anos sobre a possibilidade de Caio escrever uma letra sobre a geração que nasceu com Netuno em Libra. Porém, foi só na primavera de 1995, um ano antes de falecer, aos 47 anos, que o escritor rabiscou um poema sob um cabeçalho singelo: de Caio E. para Kledir R.

Há três anos, o letrista Kledir e o maestro Kleiton debruçaram-se sobre o original de Caio — que fala de sexo, drogas e misticismo oriental — e construíram *Lixo e purpurina*. "Panos indianos, haxixe marroquino/ Lixo e purpurina/ E aquela menina só pensava em Calcutá/ Sinos do Nepal, mesalina mexicana/ Papos e baganas/ Descolar um jeito de chegar a Katmandu/ Tanta gente boa, tanta trip/ Tanto sexo."

Concluída a canção, em que contexto inseri-la? Foi aí que surgiu a ideia do projeto agora concretizado: reunir em uma coletânea cantigas escritas em parceria com escritores gaúchos. O passo seguinte foi procurar alguém com conhecimento sobre a atual literatura sul-riograndense. A escolha recaiu sobre o professor Luis Augusto Fischer, que apresentou aos irmãos uma lista de autores de todas as gerações e estilos.

Escolhidos nove nomes, entre os quais o deste modesto redator, começou o trabalho de criação, que seguiu um padrão invariável. Os músicos reuniam-se com o escritor em sua casa para uma conversa inicial. Aqui em Brasília, eles me interrogaram sobre minhas preferências musicais, que são muito raras já que ouvir música não está entre meus principais passatempos.

Os contatos seguintes foram feitos por meio de cartas eletrônicas, que levavam textos ao Rio, onde residem os Ramil, e que de lá vinham para a Asa Norte com esboços de melodias. Ao fim do trabalho, os músicos declararam-se agradavelmente surpreendidos pelo desempenho de seus convidados. Tanto pelas insólitas temáticas levantadas quanto por terem os escritores se afastado, na empreitada musical, de seus mundos ficcionais.

O fato de os autores serem pessoas distantes do cenário musical proporcionou o surgimento de letras que fogem aos temas recorrentes da MPB. Embora sendo um nadador apaixonado, eu jamais imaginei que um dia faria uma música sobre natação", disse Kleiton. "Fé menos ainda sobre escovas de dentes."

Zona de conforto

Como o exemplo mais radical do afastamento do escritor de sua zona de conforto temática, Kledir cita Alcy Cheuiche, mais conhecido pela sua obra ficcional formada por romances históricos. No entanto, surpreendendo a quem

Rodrigo Lopez e Juliana Krieger/Divulgação



Kleiton e Kledir: letras transcritas por calígrafos de vários países e livro em formato de luxo

Tabelinha com os escribas

Escritores que participam do projeto *Com todas as letras*

- Caio Fernando
- Claudia Tajés
- Luis Fernando Veríssimo
- Leticia Wierzchowski
- Daniel Galera
- Martha Medeiros
- Alcy Cheuiche
- Fabrizio Carpinejar
- Lourenço Cazarré
- Paulo Scott



A parceria com os escritores resultou em livro, CD, DVD e vinil

talvez esperasse dele um texto sobre ganchos guerreiros, Cheuiche inventou — em *Lado a lado* — um personagem que abençoa a relação homoafetiva de sua filha. "Se tu gostas dela, minha bela, o que é que eu posso te dizer?! Me emociono ao ver vocês as duas! O amor precisa acontecer... Se vocês se amam, minha filha! Façam uma jangada, uma família."

Algo semelhante se deu com a letra que Luis Fernando Veríssimo entregou a seus sócios musicais. Conhecido pela veia satírica e pelos textos enxutos e diretos, o saxofonista (que dá uma canja no disco) Veríssimo escreveu a intrigante *Olho mágico*. "Venha ver o que ninguém mais vê! Submerso ali num oceano/ O outro lado do outro lado disso que se vê/ O avesso do avesso do Caetano... Veja a luz da luz e a contraluz/ Por um

contraprisma singular! Há um mundo por detrás do mundo." Já Leticia Wierzchowski — autora de *A casa das sete mulheres*, que deu origem a uma minissérie de tevê — resolveu falar do que sente ao observar seu filho praticando natação. "Fé na água, na água, na água que dança em teu corpo eu sei que vou/ Fé na água, na água, na água, o teu brilho reflete e eu sei quem sou".

Outro tema inusual foi sugerido por Daniel Galera, autor de *Barba ensopada de sangue*. A letra de *Vinte e oito escovas de dentes* nasceu de um conto sobre um sujeito briga com a namorada por ter ela usado sua escova de dentes. Depois de "esvaziar uma garrafa de vodka", ele sai à rua. Ocorre porém que aquele é o dia mais escaldante do senegalesco verão porto-alegrense de

2014. Ele observa "a fumaça triste dos churrascos" e "as praças de quem não foi pra praia" e volta ao apartamento, onde não encontra mais a namorada. Sobre a mesa há uma sacola de plástico com vinte e oito escovas de dentes.

Amor eterno

Na contramão dessas insólitas composições, há uma que trata do tema preferido de 99 entre 100 compositores. Mas a letra de Cláudia Tajés, criada a partir de um miniconto, aborda o assunto de modo extraordinariamente criativo e bem humorado. *Felizes para sempre* é uma movimentada e divertida história de um amor eterno que dura apenas umas poucas horas. "As onze e três se casaram/ Onze e um quarto, deitaram/ As onze e meia se amaram/ Ou pelo menos fingiram... Auma e quinze, cansaram/ Dormiram e não sonharam/ Depois das três, acordaram/ Nem eram quatro e saíram."

Já a grande contribuição de Paulo Scott, romancista e poeta, foi introduzir no disco um rugido indistinto que parece vir da periferia da vida. *Rochas* é um discurso radicalmente poético. "Veio atrás de uma casa pra ficar na sua/ Mas a casa não é sua/ Ela é do mundo da lua/ Uma rocha que flutua no meio da rua/ Sem rumo, sem rumo, sem rumo... Dizem que somos belos e às vezes somos crianças/ Mas a verdade é que somos violência... O que nos acontece quando desarrumamos o olhar das mães que ficam sabendo que seus filhos nunca mais voltarão?"

Mas eis que, de repente, no enfarruscado oceano da música brasileira, atravancado por barquinhos lotados com gajos e raparigas sofrendo de dor de cotovelo, irrompe o transatlântico *Canisado de ser feliz*, do performático poeta e cronista Fabrício Carpinejar. "Veja bem/ O eu foi que eu fiz? Pra sofrer/ De ser tão feliz... Você é o que eu sempre quis/ Rezo a Deus e ainda peço bis/ Mas o que acontece/ Pelo que parece/ É que me aborrece ser feliz."

Também esnobando as lamúrias amorosas, a cronista Martha Medeiros — que padece de felicidade crônica, segundo Kledir — escreveu *Pingos nos is*, que, numa tocada de roque, conta a história de alguém que, ainda que na mara, resolve ser feliz. "Eu decreto e me liberto/ É hoje, agora, eu nem quero nem saber/ Porta aberta na hora certa/ Levam a vida sempre por um triz."

Na conversa inicial que tive com Kleiton e Kledir aqui em Brasília ficou decidido que nosso tema seria a cidade de Pelotas, a nossa Macondo, da qual estamos exilados desde os anos 1970. Com base em contos que escrevi, esbocei três poeminhas em redondilha maior, que submeti ao crivo dos irmãos. Prevaleceu aquele em que eu ali-

nhava recordações de infância. Polido e burilado, ele recebeu um banho musical e transformou-se em *Mistérios do Bule Monstro — Brincando na Praça dos Enforcados*.

A canção começa leve: "Lá no fim do arco-íris/ Caixas de lápis de cor/ A professora ensinava: Foi Nabucodonosor". Vai da infância à adolescência, percorre a cidade (Igreja da Luz, Vila dos Agachados, Balneários dos Prazeres, Praça dos Enforcados) e nomeia alguns dos mais conhecidos tipos populares (Alfredinho, Corcel, Judite e Miloca), para os quais, a final, pede a proteção divina: "Deus proteja os malucos/ E as 'loucas' do mictório/ Que eu vou terminar meus dias/ Num quarto do sanatório".

Cassiano Nunes Botica, meu mestre na Universidade de Brasília, dizia que um dos mais graves problemas da cultura brasileira era que os artistas não se frequentavam. Segundo ele, músicos não conversavam com escultores, que evitavam dramaturgos, que esnobavam escritores, que desprezavam pintores. Pois sabia, mestre Cassiano, que dois gurus de Pelotas quebraram esse tabu chamando para o palco alguns desses bichos que só se movimentam em torno dos seus próprios umbigos, os rabiscadores.